

## 10.

### O que os Professores esperam do futuro desses alunos

Quando interrogados sobre o que pensavam sobre o futuro dos alunos portadores de Paralisia Cerebral os professores nos ofereceram dois tipos diferentes de resposta: os que acham que vai haver algum tipo de futuro, e os que acham que não há grandes possibilidades de futuro.

- **Professores que acham que vai haver algum tipo de futuro para estes alunos.**

Os professores que nos forneceram este tipo de resposta, utilizaram basicamente três tipos de argumentos, que variaram de acordo com a visão de cada entrevistado, para expressarem o que realmente pensam a respeito do futuro destes alunos.

O primeiro argumento que destacamos foi a importância da família:

*“Eu acho que hoje, fundamental é a família. Ele depende fundamentalmente da família. Se tiver uma família que acompanhe, que insista, eu acho que ele pode vencer. Mas eu acho que depende muito ainda da família.”*

Apesar dos professores que fizeram este tipo de colocação acreditarem que o aluno possa vencer, transferem a total responsabilidade desta vitória à família do aluno. Essa afirmação obedece à lógica do sistema sócio-político, no qual não apenas os portadores de deficiências, mas também os representantes de outras minorias, muitas vezes têm que se impor, em diferentes instâncias, para terem seus direitos assegurados. Quando os pais desses reconhecem o potencial de seus filhos, são capazes de mobilizar todos os esforços necessários para garantir o futuro desses jovens e encorajá-los nas suas conquistas.

Com relação aos pais acreditarem no potencial de seus filhos, se protegendo da interferência daqueles que não acreditam num futuro próspero para estes alunos, Stainback & Stainback (1999) lembram que: “Se for para erramos em nossas expectativas, que seja em favor de expectativas mais altas e não mais baixas”(p.414)

É fundamental que os professores também se guiem por este pensamento, pois, se houver um diálogo com toda a comunidade, inclusive com os

pais desses alunos, relevando a importância deste apoio e as possibilidades futuras destes educandos, eles vão estar dividindo tal responsabilidade com a família e também com demais membros da sociedade. Mas, para que isso ocorra, é necessário primeiro que os professores acreditem que há espaço para estes alunos dentro e fora da escola.

O segundo argumento que encontramos nas entrevistas foi que há poucas perspectivas para um futuro acadêmico em um curso de ensino superior, porém mais interessante seria uma preparação para o mercado de trabalho:

*“O futuro escolar deles é meio complicado, porque uma criança quando sai da escola, ela vai fazer um pré-vestibular, ela vai fazer uma faculdade. Eu não sei até que ponto, esses alunos teriam condições de fazer uma faculdade; não digo condições psicológicas, não, nem condições, eu estou falando condições da própria família de colocar este aluno numa faculdade. Eu acho que o mais interessante para eles, seria um curso, esses cursos que tem, como é que se chama, esse cursos profissionalizantes, e que você descobrisse uma habilidade deste aluno e usasse esta habilidade para introduzir ele no mercado de trabalho e ele participar.”*

*“Olhe, eu não posso te dizer que eu vejo, assim, perspectivas, mas pelo menos, dependendo do problema, ele, de repente, mais tarde, ele tenha uma chance no mercado de trabalho.”*

Visões como essas podem limitar os horizontes desses alunos, pois é necessário acreditar, incentivar e deixar o aluno ir até onde for de seu desejo, dando-lhe todo o apoio necessário para a superação das dificuldades. O grau da deficiência não pode ser visto, a priori, como limitador de um futuro acadêmico, já que ao contrário da deficiência mental, onde os jovens e adultos com essas limitações precisam procurar ofícios ligados as habilidades físicas, para os portadores de Paralisia Cerebral, muitas vezes, são mais aconselháveis, exatamente, cursos acadêmicos que necessitam de habilidades intelectuais.

Se os professores reconhecessem as potencialidades destes alunos, concordariam que apesar das dificuldades sócio-econômicas que podem ter suas famílias, seria muito mais benéfico e enriquecedor, um empenho político, para que esses alunos fossem encaminhados para um curso superior. À medida que consigamos levar esses alunos ao ensino superior, estaremos dando prosseguimento a sua inclusão educacional, favorecendo o crescimento pessoal deste aluno e ampliando suas possibilidades profissionais

O terceiro e último argumento levantado pelos professores foi a total crença nas boas possibilidades de futuro:

*“Com muitas possibilidades. Depende do que eles buscarem. Se eles forem para a parte de informática, eles podem trabalhar em prefeituras, em lugares burocráticos.”*

Esse professor reconhece que existem possibilidades para esses alunos e exemplifica dizendo que a informática pode ser um tipo de trabalho indicado para essas pessoas. Realmente, a crença em um futuro promissor faz com que os professores passem para estes alunos valores positivos, fortificando, assim, sua auto-estima e deixando-o mais confiante quanto ao seu futuro.

A Associação de Paralisia Cerebral do Brasil (APCB) e demais associações, programas e movimentos de Pessoas Portadoras de Deficiências, os conselhos Municipal e Estadual de Defesas de Direitos dessas Pessoas, a Fundação Municipal Lar Escolar Francisco Paula (FUNLAR) e o Centro de Vida Independente do Rio de Janeiro (CVI-RJ) são órgãos que implementam iniciativas, propondo e alterando legislações para ampliar o acesso dessas pessoas aos seus direitos fundamentais, inclusive o direito ao trabalho, e/ou realizando convênios com empresas e outras instituições para a colocação de pessoas portadoras de deficiência no mercado de trabalho.

- **Professores que acham que não há grandes possibilidades de futuro**

Encontramos entre os nossos entrevistados professores que demonstraram não acreditar em grandes possibilidades para o futuro. Dentre os entrevistados que apoiaram tal idéia, um dos representantes deste grupo foi um professor que nos disse:

*“Aqui não há futuro para ele. Ou nós colocamos ele numa escola aparelhada devidamente, que respeite este aluno, ou então aqui ele vai ser desrespeitado e não vai ter futuro.”*

Acreditamos que quando este professor está mencionando o termo escola aparelhada, queira se referir a uma escola especial, que exclua esses alunos do convívio com os alunos sem deficiência. Como procuramos mostrar no decorrer de

todo esse trabalho, esta solução não resolve problema algum, pois além de endossar uma idéia equivocada, de que os alunos portadores de Paralisia Cerebral são incapazes de aprender como os outros e de assim ter amplas oportunidades futuras, os privam do relacionamento com alunos que não tenham esta deficiência, que sejam de sua mesma idade, e/ou com interesses afins e que possam contribuir para a inclusão não apenas educacional, mas na inclusão social desta pessoa.

Houve um professor que disse não acreditar em grandes possibilidades para o futuro desses alunos, dizendo que se os professores não estão dando conta nem dos outros alunos, como é que vão dar conta de alunos portadores de Paralisia Cerebral? Esse professor expressou seu pensamento da seguinte maneira:

*“Não vejo grandes possibilidades. É triste a gente falar isto, mas não vejo grandes possibilidades, porque a gente não está dando conta nem dos problemas das pessoas que não têm paralisia cerebral. Mas tem problemas outros de violência, de falta de perspectivas. Então nós não estamos vendo quase futuro dos nossos outros alunos. Será que a sociedade está preocupada com isso, será que empresários e governo, estão preocupados? Acho que se estivessem, haveriam mais instituições comprometidas com isso.”*

Quanto aos problemas já existentes na escola, acreditamos que muitos deles envolvem a seguinte questão: como, apesar da violência e da falta de perspectiva, vamos inserir nossos alunos em um processo educativo? É claro que essa preocupação é reconhecida pela escola, mas será que nós também não estaremos criando uma violência ainda maior se, além de acharmos que não existe futuro para os alunos das escolas públicas, excluirmos as perspectivas de crescimento de alunos acometidos por seqüelas como as da Paralisia Cerebral?

As escolas e os professores devem ter consciência que incluir alunos portadores de deficiência deve ser sim uma responsabilidade de toda a instituição, gestores, corpo docente, pessoal de apoio, enfim, de todos que nelas se encontram.

Para que a sociedade se preocupe com a inclusão dessas pessoas em uma vida adulta produtiva, é necessário que a escola comece esse processo fazendo sua valiosa parte, que é a de proporcionar a todos esses educandos o direito à educação na rede de ensino regular.

O término do processo educativo destes alunos na 8ª série foi sugerida por um professor, que usou tal idéia para opinar a respeito desse futuro:

*“Olha, eu acho que ela deve parar na 8ª série, não deve seguir, porque o 2º grau não deve ter professor que vá assistir, que vai acompanhar. Já existe computador para deficiente, mas a família pobre não pode comprar e o governo também não dá, eu acho que ele não passa da 8ª série. Não tem muito futuro não.”*

Não cabe ao professor definir esse término, pois, isso irá depender fundamentalmente do desejo do aluno. Se a decisão for pela continuidade, este aluno tem por direito sua vaga garantida no ensino médio, e quanto à necessidade de apoio para o aluno, esta terá que ser discutida pela escola na qual ele for matriculado, já que as instituições de ensino de nível médio não podem rejeitar sua matrícula, como nos aponta Carvalho (1998):

Um mundo inclusivo é um mundo no qual todos têm acesso às oportunidades de ser e estar na sociedade de forma participativa, onde as relações entre o acesso às oportunidades e as características individuais não são marcadas por interesses econômicos ou pela caridade pública (p.161).

Sendo assim, além das dificuldades advindas das seqüelas de Paralisia Cerebral, a crença desses educandos num futuro não muito próspero, pré-determinado por uma situação sócio-econômica desfavorável pode fazer com que os professores tenham pouco estímulo para investir no crescimento dos alunos e agindo assim, esses educadores não estarão contribuindo para modificar tal situação.

A falta de credibilidade num futuro com possibilidades de crescimento para um aluno portador de Paralisia Cerebral, também nos pareceu estar relacionada com uma baixa expectativa do professor no potencial intelectual deste aluno:

*“Não é bem assim. Eu quero ver é como essa aluna vai chegar a 8ª série, sendo cobrada. Você acha que o ENEM leva em consideração o deficiente?”*

Nessa afirmação, essa professora se preocupa com a cobrança que será exigida da aluna ao término da 8ª série, inclusive com as provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Quanto às aquisições de conteúdos, como qualquer outro aluno, ela pode demonstrá-las ou não, mas o mais importante é

que ela, assim como qualquer outro aluno, tenha direito de participar dessas etapas do processo educacional.

Como pudemos observar pelas colocações apresentadas, as opiniões sobre o futuro dos alunos portadores de Paralisia Cerebral tendem mais para o sombrio embora com variações, na visão de cada professor. No entanto, achamos de suma importância, que devesse ser batalhada, no processo de educação inclusiva destes alunos, a perspectiva de um futuro promissor, pois esta posição poderá interferir no empenho que o professor demonstrará em realizar melhorias durante o processo educativo. Com certeza, ao final deste processo, o resultado obtido por professores descrentes quanto à este futuro não terá a excelência daquele obtido por professores que acreditam na capacidade e num futuro produtivo para estes alunos.